

# ANÁLISE DO IMPACTO SOCIAL DA MECANIZAÇÃO DA COLHEITA DE CANA-DE-AÇÚCAR NA MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA DE ITUIUTABA/MG

Daniel Féo Castro de Araújo<sup>1</sup>

Fernando Luiz Araújo Sobrinho<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo do artigo é analisar o impacto do fechamento das usinas do grupo João Lyra (Laginha S/A, Triálcool e Vale do Paranaíba) localizada na Microrregião Geográfica de Ituiutaba/MG, e as consequências deste processo para os trabalhadores (as) do corte de cana-de-açúcar. Nesse sentido, buscamos compreender a realidade dos ex- cortadores de cana da agroindústria canvieira em Ituiutaba, entre os anos de 2012 a 2018, diante da mecanização da atividade do corte da cana, fato gerador do desemprego dos trabalhadores (as) que garantia a reprodução diária da força de trabalho diretamente afetada. Para alcançar os resultados desta pesquisa foi utilizada uma metodologia qualitativa composta por levantamento bibliográfico inerente ao tema e entrevistas semiestruturadas com trabalhadores migrantes nordestinos residentes no município de Ituiutaba, Minas Gerais. Destaca-se que as entrevistas, bem como a identificação dos sujeitos e o uso de suas falas foram autorizadas através de assinatura de termo de consentimento. A maioria dos entrevistados ocupava direta e indiretamente postos de trabalhos relacionados ao setor sucroenergético na MRG de Ituiutaba-MG.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cana-de-açúcar; desemprego; mecanização; setor sucroenergético; migrantes.

## ANALYSIS OF THE SOCIAL IMPACT OF THE MECHANIZATION OF SUGARCANE HARVESTING IN THE GEOGRAPHICAL MICROREGION OF ITUIUTABA/MG

**ABSTRACT:** The objective of the article is to analyze the impact of the closure of the João Lyra group plants (La-ginha S/A, Triálcool and Vale do Paranaíba) located in the Geographical Microregion of Ituiuta-ba/MG, and the consequences of this process for workers ( as) cutting sugar cane. In this sense, we seek to understand the reality of the ex-cane cutters of the sugarcane agroindustry in Ituiutaba, between the years 2012 to 2018, in view of the mechanization of the sugarcane cutting activity, which generated

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: daniel.feo@gmail.com

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Departamento de Geografia da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: flasobrinho@unb.br

unemployment of the workers that it guaranteed the daily reproduction of the directly affected workforce. To achieve the results of this research, a qualitative methodology was used, consisting of a bibliographical survey inherent to the theme and semi-structured interviews with Northeastern migrant workers residing in the municipality of Ituiutaba, Minas Gerais. It is noteworthy that the interviews, as well as the identification of the subjects and the use of their speeches were authorized by signing a consent form. Most of those interviewed directly and indirectly occupied jobs related to the sugar-energy sector at MRG in Ituiutaba-MG.

**KEYWORDS:** Sugar cane; unemployment; mechanization; sugar-energy sector; migrants.

## ANÁLISIS DEL IMPACTO SOCIAL DE LA MECANIZACIÓN DE LA COSECHA DE AZÚCAR EN EL TRIÁNGULO MINERO

**RESUMEN:** El objetivo del artículo es analizar el impacto del cierre de las plantas del grupo João Lyra (La-ginha S / A, Triálcool y Vale do Paranaíba) ubicadas en la Microrregión Geográfica de Ituiuta-ba / MG, y las consecuencias de este proceso para trabajadores (como) corte de caña de azúcar. En este sentido, buscamos comprender la realidad de los ex cortadores de caña de la agroindustria de la caña de azúcar en Ituiutaba, entre los años 2012 a 2018, ante la mecanización de la actividad de corte de caña de azúcar, que generó desempleo de los trabajadores que garantizó. la reproducción diaria de la población activa directamente afectada. Para alcanzar los resultados de esta investigación se utilizó una metodología cualitativa, consistente en una encuesta bibliográfica inherente al tema y entrevistas semiestructuradas con trabajadores migrantes del noreste residentes en el municipio de Ituiutaba, Minas Gerais. Cabe mencionar que las entrevistas, así como la identificación de los sujetos y el uso de sus discursos fueron autorizados mediante la firma de un formulario de consentimiento. La mayoría de los entrevistados ocupaban directa e indirectamente trabajos relacionados con el sector azucarero-energético en MRG en Ituiutaba-MG.

**PALABRAS-CLAVE:** Caña de azúcar; desempleo; mecanización; sector azucarero-energético; migrantes.

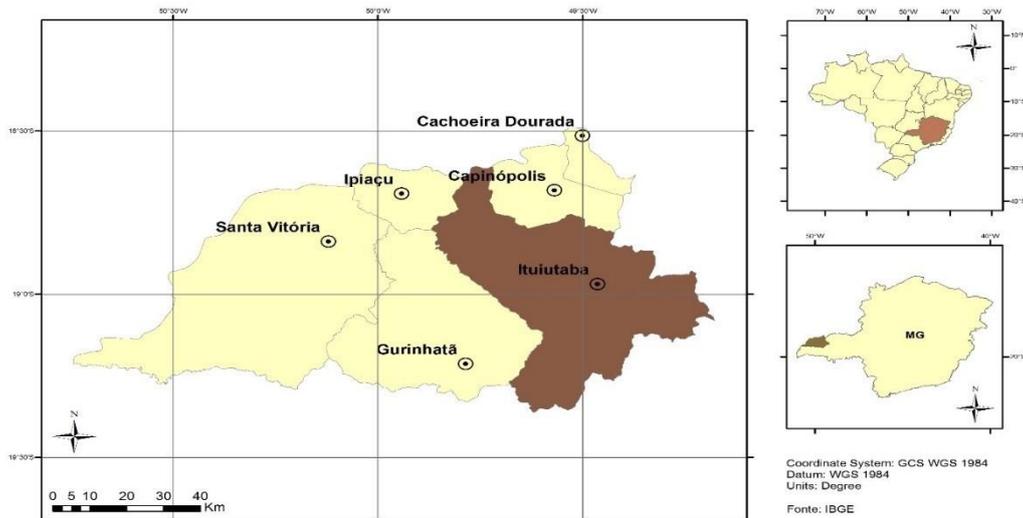
### INTRODUÇÃO

O Brasil é um extraordinário produtor e consumidor de cana-de-açúcar e seus derivados colocam o país em posição de destaque no mercado internacional (FAO, 2019). A entrada do capital transnacional está relacionada à consolidação do uso do etanol como fonte alternativa ao combustível fóssil no Brasil e apresenta forte tendência a sua aceitação no mercado internacional a partir da

abertura de novos mercados, por exemplo, na União Europeia, Coréia do Sul, Estados Unidos, Japão e Caribe (FAO, 2019). Além disso, o país tem os menores custos de produção entre os principais competidores do mercado internacional e lidera o conhecimento da biotecnologia da cana, juntamente com a Austrália e África do Sul (ARAÚJO; ARAÚJO SOBRINHO, 2020).

A Microrregião Geográfica de Ituiutaba/MG (MRG), localiza-se na parte noroeste do Triângulo Mineiro, no estado de Minas Gerais e no território brasileiro. A MRG é formada por seis municípios, sendo: Ituiutaba, Santa Vitória, Gurinhatã, Capinópolis, Cachoeira Dourada e Ipiáçu, conforme aponta a figura 1, considerado uma das principais regiões produtoras de cana-de-açúcar do estado de Minas Gerais, constituindo uma área plantada com cana-de-açúcar que aumentou de 14.135 hectares no ano 2005 para 68.667 hectares no ano de 2010 e 87.544 hectares em 2014, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014). A expansão deste segmento desde os anos 2000 reascendeu a demanda por trabalhadores (as) migrantes, entre estes, mais uma vez, percebe-se a grande incidência de nordestinos e nordestinas, cujo destino os vinculam, predominantemente, aos postos de trabalho manual/rural. Estes trabalhadores, na sua maioria, estavam empregados no plantio e corte da cana-de-açúcar (ARAÚJO, 2018).

**Figura 1:** Microrregião Geográfica de Ituiutaba/MG



Elaboração: MACIEL, C, J. (2013)

A expansão da produção de cana-de-açúcar tem reestruturado o espaço agrário dos municípios da Microrregião de Ituiutaba, principalmente, os que tiveram a instalação das usinas em: Ituiutaba, Santa Vitória e Capinópolis, associadas as modificações na produção de cana-de-açúcar, desde a sua implementação no século XVI. Esse processo, influenciou e transformou as estruturas produtivas do setor e o uso do território pelos sujeitos relacionados a esse tipo de atividade econômica. Assim, as relações de produção e trabalho, foram substituídas por outras culturas, desencadeando a concentração de terras pelas empresas nacionais e transnacionais.

A colheita da cana-de-açúcar nos estados brasileiros passou por um processo de substituição do sistema tradicional de colheita manual de cana inteira com queima prévia do canavial, para o sistema de colheita mecanizada de cana picada sem queima do canavial. A principal razão para esta transição está nas leis Federais e Estaduais que estabelecem cronogramas para a redução e fim das queimadas nos canaviais. No estado de São Paulo, houve a criação do Decreto nº 42.056/97 para regulamentar as queimadas, todavia em 19 de setembro de 2002, foi sancionada a Lei Nº 11.241, determinando a extinção gradativa da queima da

palha da cana, nos momentos que antecedem sua colheita. Já no Estado de Minas Gerais foi designado um Protocolo Ambiental, instituindo que as empresas associadas ao Siamig/Sindaçúcar-MG, adotassem o acordo de extinguir a queima da cana-de-açúcar até 2014, nas áreas com declividade inferior a 12%. De acordo com esse Protocolo, as novas unidades processadoras instaladas no estado já precisam iniciar as operações com 80% da colheita mecanizada, enquanto as existentes precisariam se habituar para obter os 100% em 2014.

Diante deste contexto, todos os anos, milhares de trabalhadores migrantes são contratados para o corte manual da cana-de-açúcar no Estado de Minas Gerais, em especial, para Microrregião de Ituiutaba, sendo que muitos deles vem por conta própria de suas regiões de origem. Porém, em virtude da legislação que prevê a extinção da queima da cana-de-açúcar e o conseqüente aumento da mecanização na colheita, grande parte desta mão-de-obra está sem emprego no corte da cana-de-açúcar na região.

Nesse sentido, buscamos compreender o movimento pelo qual passa os ex-cortadores de cana da agroindústria canavieira em Ituiutaba, entre os anos de 2012 a 2018. Diante deste cenário, uma questão relevante refere-se à grande proporção de trabalhadores migrantes, os quais, em sua grande maioria, além da baixa escolaridade, não têm qualificação para trabalhar em outras ocupações, dificultando sua realocação no mercado de trabalho, incluindo a colheita mecanizada.

O objetivo do artigo é analisar o impacto do fechamento das usinas do grupo João Lira, (Laginha S/A- unidade Triálcool e Vale do Paranaíba) localizada na Microrregião Geográfica de Ituiutaba/MG e as conseqüências deste processo para os trabalhadores (as) do corte de cana-de-açúcar.

A metodologia adotada na pesquisa, pautou-se em revisão teórica e abordagem qualitativa, por meio da aplicação, no ano de 2018, de formulários com setenta trabalhadores que cortavam cana na região. O roteiro composto de

perguntas fechadas tinha como finalidade levantar dados sociais como; origem, idade, escolaridade, tempo de trabalho no corte manual da cana e rendimento financeiro. A aplicação dos formulários ocorreu nas residências dos trabalhadores na cidade de Ituiutaba, aos finais de semana e feriados, com horários previamente agendados.

O artigo é dividido em três partes. A primeira parte faz uma análise da expansão da atividade canavieira do setor sucroenergético do Triângulo Mineiro. Neste momento, faz-se necessário um breve resgate do processo de modernização da agricultura na região, apoiado em algumas políticas públicas que contribuíram para o crescimento da agroindústria sucroenergética. Na segunda parte foi possível trazer alguns dados da pesquisa de campo e analisar a nova conjuntura pela qual passa o município de Ituiutaba, a partir da crise do setor canavieiro que envolveu a falência das agroindústrias Laginha S/A- unidade Triálcool e Vale do Paranaíba, entre os quais resultaram em prejuízos aos até então trabalhadores destas empresas. A terceira parte são as considerações a partir dos dados que mostraram que a maior parte dos trabalhadores pesquisados continuaram sendo submetidos a outras formas de trabalho precário, sem carteira assinada, na informalidade e com grande perda salarial.

O artigo apresentado é fruto de reflexões que foram desenvolvidas na produção do documentário “Nas trilhas da cana<sup>3</sup>” e na pesquisa de iniciação científica intitulada “A expansão da cana-de-açúcar e a precarização das relações de trabalho na Microrregião Geográfica de Ituiutaba/MG” por meio do Grupo de Estudos e Pesquisas Agrárias e Trabalho(GEPEAT), do curso de Geografia , do Instituto de Ciências Humanas do Pontal (ICHPO), da Universidade Federal de

---

<sup>3</sup> O documentário retrata as condições de trabalho a que são submetidos os trabalhadores empregados nas agroindústrias canavieiras da região de Ituiutaba, especialmente os cortadores de cana, migrantes nordestinos. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=UX3Pw5F5TMM&ab\\_channel=GustavoMendes](https://www.youtube.com/watch?v=UX3Pw5F5TMM&ab_channel=GustavoMendes)>. Acessado 25 de jan 2021

Uberlândia, em Ituiutaba/MG com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

## A EXPANSÃO DO SETOR SUCROENERGÉTICO NO TRIÂNGULO MINEIRO

A Microrregião Geográfica de Ituiutaba/MG tem se tornado um importante espaço para a reprodução do setor sucroenergético brasileiro e de capitais hegemônicos, e do processo da agricultura científica globalizada (SANTOS, 2006), fundada especialmente na profusão das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) e na produção e exportação de *commodities* agrícolas (FREDERICO, 2013), permitindo transformações no controlar boa parte das atividades ligadas ao agronegócio emergente no território brasileiro.

Durante o processo de modernização da agricultura e das políticas voltadas à expansão da fronteira agrícola para as áreas de Cerrado, o agronegócio ganhou força na região, inicialmente com a soja e atualmente com a cana-de-açúcar. O que se tem verificado ao longo dos anos, sobretudo nas áreas de Cerrado, é a conversão de terras agrícolas em áreas destinadas à produção de *commodities*. Conforme constatado por Santos (2017), a região teve intenso processo de modernização e concentração de capital nas atividades agrícolas e agroindustriais da cana-de-açúcar, materializando a formação recente de grandes grupos.

A presença ou proximidade de nós logísticos como o Terminal Terrestre da Logum e o Terminal Integrador da VLI em Uberaba/MG, o Porto Seco do Cerrado em Uberlândia/MG e os terminais de carga de açúcar localizados no oeste do estado de São Paulo, que resultaram no aumento das exportações de açúcar e etanol, evidenciam uma das principais regiões produtivas do agronegócio nacional, destacando-se no cultivo e processamento de grãos (soja, milho), café, cana-de-açúcar e na criação de rebanho bovino voltada para corte e leite (SANTOS, 2017). Além disso, está região abriga importantes centros urbanos que

concentram uma considerável quantidade de indústrias, comércios e serviços de grande importância, sobretudo, voltados para a agropecuária moderna.

A dinâmica geográfica dessa região é resultado de sucessivos acúmulos de materialidades e usos do espaço que foram ocorrendo ao longo do tempo (SANTOS, 2017). Assim, no início da década de 1970, foram criados planos de desenvolvimento visando a ocupação do agronegócio no cerrado. Entre os programas criados, está o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (Polocentro<sup>4</sup>), prevendo investimentos no desenvolvimento nas áreas de cerrado. Medidas como mecanização da produção, criação de um sistema de armazenamento e transporte, uso de corretivos para o solo, capazes de modificar as características naturais de um solo arenoso e pobre em nutrientes, mas com uma topografia adequada ao uso de tratores, colhedoras e introdução de sistemas de irrigação dos cultivos, foram adotadas para garantirem a implementação do programa (SANTOS, 2017).

Segundo Guimarães (2000), os créditos liberados pelo Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (Polocentro) foram distribuídos em valores crescentes, de acordo com o tamanho da propriedade, provocativa de exclusão dos pequenos proprietários, criando uma nova configuração do espaço agrário, com a introdução de culturas voltadas para a exportação e valorização das grandes propriedades. O programa ainda privilegia os produtores provenientes de outras regiões, em detrimento dos proprietários tradicionais residentes na região, o que levou muitos produtores a venderem suas terras e instalarem-se nas periferias das cidades.

Nesse contexto, que os programas, créditos, leis e decretos foram cruciais para a consolidação da atual estrutura agrária da região, intensificando a estrutura fundiária, montada sobre o latifúndio, estruturalmente violenta

---

<sup>4</sup> Também são criados no período o Programa de Crédito Integrado e Incorporação dos Cerrados (PCI), o Plano de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba (PADAP) e o Programa de Cooperação Nipo Brasileira para Desenvolvimento Agrícola dos Cerrados (PRODECER).

Sendo assim, observamos o espaço agrário no Microrregião Geográfica de Ituiutaba, caracterizado pela criação extensiva de gado de corte e pela agricultura familiar, modificar-se de forma dramática após a inauguração dos programas de ocupação dos cerrados, além de fomentar de forma proeminente a mudança do perfil de produção regional com aumentos significativos em termos de produtividade, sem alterar, contudo, sua estrutura fundiária. Além disso, é imprescindível ressaltar os impactos gerados pela programas na expansão da cana-de-açúcar nas áreas de agricultura familiar e camponesa. Em suas pesquisas, Cleps Jr. (2009) aponta para a advertência provocada pelo aumento no número de arrendamentos e terceirizações realizadas por empresas ligadas ao setor sucroenergético.

A terceirização dos plantios é um processo que pode contribuir para a intensificação da concentração das terras nas mãos dos grandes latifundiários. No Brasil, há muitos exemplos de fazendeiros anteriormente dedicados à agropecuária que se tornaram canavieiros ou venderam suas terras para grandes produtores de cana, contribuindo para a ampliação da concentração fundiária, e desencadeando um novo processo de expulsão de moradores associado, também, ao fim dos acordos de arrendamento (CLEPS JR., 2009, p. 255).

Para Mendonça (2004) a ocupação “racional” das áreas do Cerrado reforçou o poder político e econômico das elites conservadoras, a partir de empresas rurais, do estado e das transnacionais, impulsionadas pela agro industrialização, estimuladas pela reestruturação produtiva do capital mundializado.

Durante as décadas de 1980 e 1990, é notório o destaque ao Cerrado nos programas direcionados ao desenvolvimento da agricultura capitalista. A região é tida como grande celeiro de alimentos como espaço de progresso e produção, de tecnologia avançada, uma vez incentivadora da exploração do agronegócio de forma racional. Entretanto, não emergem, no discurso governamental, os indicadores do caráter excludente da modernização da agricultura, a

concentração fundiária e a elevada sazonalidade do emprego agrícola no campo, grupos de trabalhadores encontram trabalho somente no pico da safra agrícola, úteis em culturas modernas como força de trabalho em tarefas ainda não mecanizadas (MENDONÇA, 2010).

No contexto da Microrregião Geográfica de Ituiutaba, encontram-se vários municípios beneficiados pelos programas mencionados anteriormente nas cidades de Capinópolis, Gurinhatã, Ipiaçú, Cachoeira Dourada e Santa Vitória, entre as quais receberam forte estímulo para a produção de cana de açúcar. Assim, a expansão das usinas do agronegócio canavieiro espalhou-se pelo Estado de Minas Gerais, com o aumento do faturamento e geração de empregos, conforme aponta o DIEESE (2007, p. 23): “o faturamento do setor agroindustrial canavieiro supera R\$ 40 bilhões por ano, gerando cerca de quatro milhões de empregos diretos e indiretos”.

Em Ituiutaba, a exploração das atividades, direta e indiretamente ligadas ao setor do agronegócio canavieiro iniciou com a instalação da agroindústria Companhia Nacional de Açúcar e Álcool (CNAA) em 2008, sendo a mesma adquirida pela British Petroleum (BP) em 2011. Podemos destacar na tabela 1, o crescimento do setor, exatamente, na Microrregião Geográfica de Ituiutaba, conforme os dados da Tabela (1) Microrregião Geográfica de Ituiutaba: área plantada (hectares) e quantidade produzida (toneladas) de cana-de-açúcar (anos selecionados).

**Tabela 1:** Microrregião Geográfica de Ituiutaba: área plantada (hectares) e quantidade produzida (toneladas) de cana-de-açúcar (anos selecionados)

Município	Área (há)				Quantidades ( t)			
	2000	2005	2010	2015	2000	2005	2010	2015
<b>Cachoeira Dourada</b>	-----	150	1.600	-----	-----	15.000	146.080	-----
<b>Capinópolis</b>	20	5.150	8.450	2.265	1.400	489.250	718.250	158.550
<b>Guarinhataã</b>	20	30	4.000	8.300	1.400	2.400	342.000	564.400
<b>Ipiaçu</b>	15	2100	4.750	4.600	1.050	178.500	285.000	299.000
<b>Ituiutaba</b>	500	6.700	24.000	28.000	35.000	502.500	#####	#####
<b>Santa Vitoria</b>	40	50	25.867	53.500	2.800	350	#####	#####

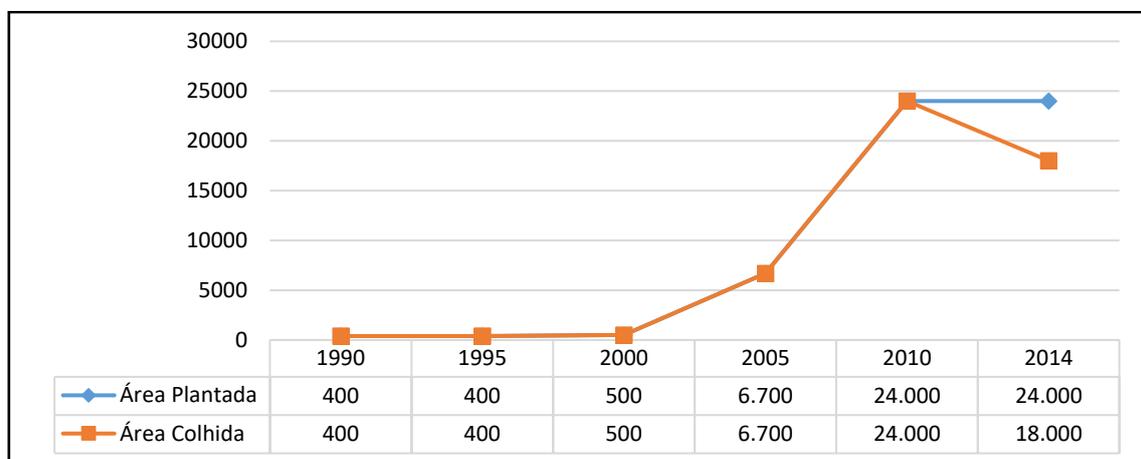
Fonte: IBGE- Produção Agrícola municipal (2017) Org: ARAÚJO, D, F, C. (2020)

O estado tem um importante papel empregado na expansão da cana-de-açúcar, a partir do início do século XXI para o acolhimento das atividades sucroenergéticas no território através de investimentos por meio de Crédito Rural e empréstimos via Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES) ARAÚJO; ARAÚJO SOBRINHO, 2021). A partir desse momento e em acordo com os ideais neoliberais que se consolidaram no país, o BNDES se tornou meio de financiamento das privatizações implantadas pelo Plano Nacional de Desestatização, de maneira que consagrou a condição das empresas estrangeiras, instituídas ou que almejavam se estabelecer no Brasil, receberem financiamento em igualdade de condições com empresas nacionais, o que estimulou a entrada de capitais estrangeiros nesse período (ARAÚJO, 2018). De acordo com (Chesnais (2005) o Estado brasileiro mostrar-se como o mais expressivo da doutrina neoliberal, a

privatização, que foi ainda uma estratégia central de desempenho dos Estados na promoção dos mercados financeiros.

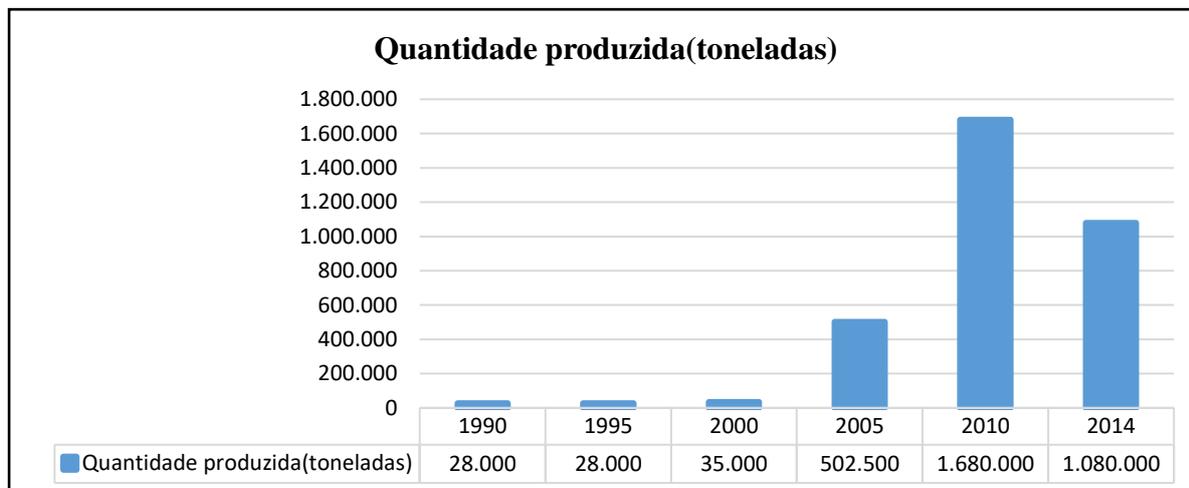
Às áreas plantadas e colhidas obtiveram a mesma produção saltando de 400 hectares para 24.000 hectares nesse período podemos observar um crescimento de 5.900%, segundo o gráfico (1). Conforme pode ser verificado neste mesmo gráfico, a área plantada em hectares entre 2010 e 2014 se manteve estagnada, reflexo de uma iminente crise no setor. Na área colhida em hectares nesse mesmo espaço de tempo, houve uma redução de 33,3%. Esses dados ocorreram em virtude da crise do Grupo João Lyra, e ocasionou a interrupção do arrendamento de terras para as usinas do grupo, com o intuito de se produzir cana no município e, por consequência, ocorreu à diminuição na produção canavieira no município de Ituiutaba.

**Gráfico 1:** Evolução da área plantada e colhida no município de Ituiutaba (1990-2014)



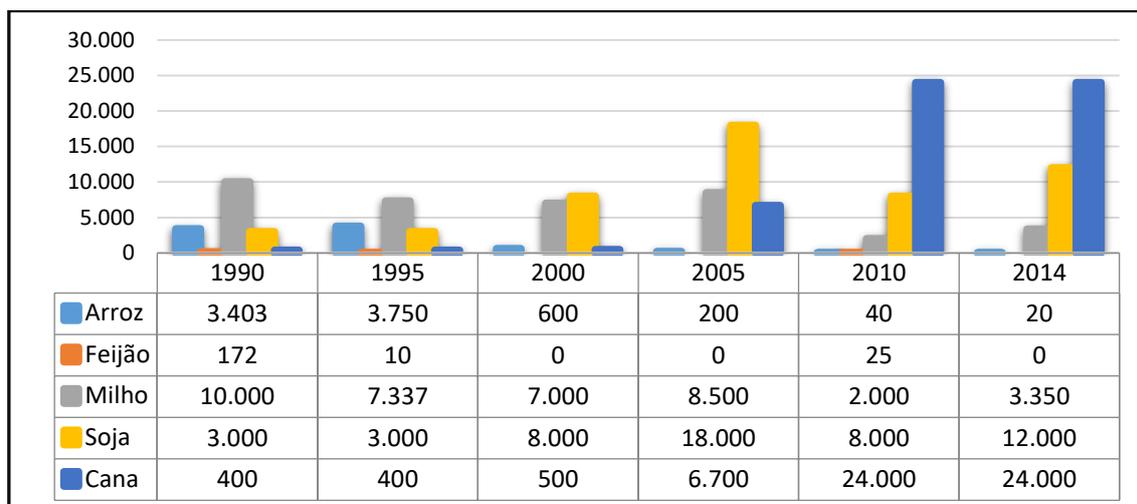
**Fonte:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017). Org: ARAÚJO, D, F, C. (2020)

**Gráfico 2:** A quantidade produzida de cana-de-açúcar em toneladas no município de Ituiutaba (1990-2014).



**Fonte:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017). Org: ARAÚJO, D, F, C. (2020).

Quanto às quantidades produzidas em toneladas no município de Ituiutaba entre 1990/2010, na produção geral da monocultura canavieira saltam de 28.000 toneladas para 1.680.000 toneladas. Após esse aumento significativo o setor entra em um momento de recessão com queda de 55,5% entre 2010 e 2014, ocorrendo a falência de duas agroindústrias situadas na Microrregião Geográfica de Ituiutaba, já apontadas anteriormente. O aumento da produção canavieira e o arrendamento de terras por parte das agroindústrias canavieiras em médias e pequenas propriedades ocasionaram uma diminuição das demais culturas, resultando em sérios prejuízos à agricultura familiar. O gráfico 3 traz um comparativo da área plantada entre as culturas de arroz, soja, milho, feijão e cana-de-açúcar, demonstrativo das décadas com a territorialização da agroindústria canavieira no município de Ituiutaba, e quando as demais culturas foram perdendo espaço para a monocultura canavieira.

**Gráfico 3:** Evolução das monoculturas em Ituiutaba (1990-2014)

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017). Org: ARAÚJO, D, F, C. (2020).

Nesse contexto, pouco se alterou em termos de concentração fundiária no cenário brasileiro e aumentou sua lacuna entre as propriedades vinculadas ao agronegócio, destinadas à agricultura familiar e à produção de alimentos, e aquelas destinadas a abastecerem os municípios brasileiros, é preocupante, ao passo das grandes propriedades não abastecerem o mercado interno. Fica evidenciado o processo de expansão e territorialização da agroindústria canavieira, e como o mesmo tem gerado novas configurações nessa porção do território mineiro, a partir da introdução da cana em substituição das demais culturas.

Parte desse impulso para a produção de commodities se deve à atual configuração do sistema agroalimentar, que provocou mudanças estruturais no meio rural por meio da incorporação de novos modelos de produção, processamento e comercialização, sintonizados com as tendências globais. Tais modelos têm sido estimulados pelo padrão de consumo dominante e pela necessidade de competir com níveis elevados de produtividade, gerando impactos sociais, culturais, econômicos e ambientais. As mudanças causadas pelos mercados influenciaram o que se consome e também o que se produz, refletindo no meio rural, na

agricultura familiar e em sua estrutura produtiva (BAZOTTI; BUCCO COELHO, 2017, p.115).

De acordo com Pereira, Origuela e Coca (2021), no século XXI, o avanço do neoliberalismo nos países da América Latina passaram por transformações que geraram impactos na questão agrária. No Brasil aconteceu o boom das *commodities*, que compreende a inflação dos preços das mercadorias agrícolas e minerais no mercado internacional (PEREIRA, ORIGUELA e COCA, 2021). Está conjuntura promoveu o avanço do agronegócio (especialmente transnacional), pautado especialmente na expansão das fronteiras agrícolas, como MATOPIBA e Amazônia, no Brasil (PEREIRA, ORIGUELA e COCA, 2021).

Segundo Gonçalves (2004) estamos diante de serias consequências deste modelo agrário/agrícola,

Que não só tende para a concentração fundiária e de capital como, pela exigência elevada de capital que coloca, impede a própria democratização do modelo, além de diminuir sensivelmente a mão de obra empregada e, também, a participação do trabalho na distribuição da renda nesse complexo produtivo como um todo. Na verdade, compensa-se a queda de preços dos produtos agrícolas com uma extrema concentração de capital e, assim, um setoestratégico, como o da produção de alimentos, se desloca para as mãos de umas poucas empresas transnacionais. O paradoxo é que se coloca em risco um setor da atividade humana cujo objetivo era exatamente o da segurança alimentar - produção de alimentos (GONÇALVES, 2004, p. 44-45).

Para Thomaz Júnior, (2007):

Como já sabemos o modelo de dominação do capital, mais propriamente a comercialização de alimentos no mercado mundial, apesar de recair em somente 10% de tudo o que se produz, influi muito negativamente no que diz respeito à estrutura produtiva familiar camponesa. O modelo de produção que referencia o agronegócio está fundado no desrespeito à biodiversidade, na destruição do meio ambiente, na deturpação dos preços, na sabotagem das políticas de Reforma Agrária e, conseqüentemente, na desmobilização da sociedade e dos trabalhadores em particular, elementos centrais para a edificação

da Soberania Alimentar como referência de outro projeto de sociedade (THOMAZ JÚNIOR, 2007, p. 4).

Isso constitui o território brasileiro que decide o problema da fome e da alimentação que, nesse caso, aponta na direção contrária ao processo de globalização, onde cada vez mais se fala de *commodities*. Assim, por mais que se tenha que combinar a articulação do plano nacional com o mundial é no plano nacional que se deve colocar o foco da segurança alimentar.

## FALÊNCIA DO GRUPO JOÃO LYRA E A QUESTÃO DOS TRABALHADORES DO CORTE DE CANA

Como consequência da expansão das lavouras de cana-de-açúcar, a mão-de-obra migrante para o corte da cana se fez presente nos municípios da Microrregião em cerca de dez anos (2003 a 2013). Para a colheita manual, os trabalhadores do Nordeste, especialmente do estado do Piauí, Alagoas e Rio Grande do Norte, eram os preferidos, não apenas por falta de mão-de-obra local, mas porque para as usinas eles apresentavam mais resistência física e maior “submissão” às condições impostas ao processo produtivo [nas usinas canavieiras] que passou a exigir um tipo de trabalhador, cuja característica principal é ser tecnicamente experiente, qualificado e polivalente e pessoalmente comprometido com os objetivos empresariais (SCOPINHO 2000).

O grupo João Lyra, com sede no Estado de Alagoas, possuía cinco usinas de grande porte: Laginha, Uruba e Guaxuma, em Alagoas, além da Triálcool e Vale do Paranaíba, em Minas Gerais. Juntas, estas eram responsáveis por uma produção de mais de 300 mil metros cúbicos de álcool e de mais de 6,5 milhões de sacas de açúcar dos tipos VHP, cristal e refinado. Todas unidades fazem parte da massa falida do grupo João Lyra (ARAÚJO, 2018).

Pode-se observar o surgimento do grupo João Lyra na década de 1970, vinculado com o Programa Nacional do Álcool (PNA), conhecido como Proálcool. A criação do mesmo foi à solução encontrada, devido à crise de superprodução

do açúcar, tendo como justificativa oficial aliviar a balança comercial devido à elevação do preço do petróleo.

No início de 2012, duas usinas, a Triálcool e a Vale do Paranaíba, ambas do grupo João Lyra, presentes na Microrregião de Ituiutaba desde 1989, decretaram falência pela justiça de Alagoas. De acordo com reportagem do jornal Gazeta de Alagoas<sup>5</sup>, a dívida com impostos do Grupo João Lyra em Canápolis e Capinópolis em Minas Gerais consiste em cerca de R\$ 9 milhões.

A falência afetou não apenas os referidos municípios, mas outros municípios dependentes indiretamente das agroindústrias, entre eles as cidades de Guriatã e Monte Alegre, fato gerador de consequências na economia das cidades, principalmente, em relação aos empregos diretos e indiretos fornecidos pelas usinas, caso de Ituiutaba, conforme afirmaram alguns gestores municipais. A crise financeira no Grupo João Lyra desencadeou uma série de problemas, desde calotes aos fornecedores de cana até atrasos no pagamento dos salários dos trabalhadores cortadores de cana, motivo de várias paralisações e greves nos canaviais da agroindústria Triálcool, situada no município de Canápolis, Vale do Paranaíba e no município de Capinópolis, além do fechamento da BR 365 em dezembro de 2013.

A revolta de trabalhadores em relação aos constantes atrasos dos salários, os levaram a se mobilizarem em protestos na rodovia 365 no município de Ituiutaba, para chamar a atenção do poder público por meio desse ato pacífico e justo, cuja representação é a luta pelos direitos de sobrevivência e o direito de receber pela venda da sua força de trabalho. O bloqueio<sup>6</sup> dessa rodovia na tarde do dia 20 de dezembro de 2013 foi à forma que os trabalhadores encontraram para pressionar o empresário João Lyra e o Ministério Público do Trabalho para

---

<sup>5</sup> Gazeta de Alagoas. MG quer celeridade em julgamento. Disponível em < <http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=290587> >. Acesso em 05 abr de 2021.

<sup>6</sup> G1. Trabalhadores rurais protestam por salários atrasados em Ituiutaba, MG. Disponível em < <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2013/12/trabalhadores-rurais-protestam-por-salarios-atrasados-em-ituiutaba-mg.html> > Acesso em 05 de abr .2021.

solucionar a falta de pagamento dos trabalhadores canavieiros, principalmente, os trabalhadores migrantes, trazidos pela empresa, os mais prejudicados com os atrasos salariais. Na lavoura, durante o período da colheita, havia cerca de mil trabalhadores no corte da cana. E no fim da colheita, muitos trabalhadores migrantes permaneciam morando em Ituiutaba ou em outras cidades desta Microrregião.

Assim, Silva (2005) mostra como em todo momento de crise na agroindústria canvieira os trabalhadores são os primeiros a serem prejudicados. Vale mencionar, que os trabalhadores ao aderirem às greves e manifestações para conseguirem receber seus salários atrasados, foram coagidos pela usina e muitos foram demitidos. Ao reivindicarem seus direitos, foram ameaçados pela empresa de não serem recontratados na safra seguinte sob a justificativa de serem “arruaceiros e bagunceiros”.

Ressaltamos que o maior prejudicado quando uma agroindústria canvieira entra em crise, é o trabalhador, uma vez que o estado interfere em favor do grande capitalista, nesse caso, o capitalista agroindustrial canvieiro. Esta condição revela claramente que o estado está a serviço do grande capitalista e não ao lado do trabalhador que, por vender sua força de trabalho, tem na superexploração de sua força de trabalho a mais-valia que é responsável pelo lucro exorbitante dessas agroindústrias canvieiras (SILVA, 2005).

A situação do grupo se estendeu na justiça desde a decretação de sua falência ocorrida em 2013. Depois de cinco anos na justiça a Usina Vale do Paranaíba, localizada em Capinópolis (MG) foi leiloada por R\$ 206.358.000, e vendida para o Grupo Japungu, atuante no ramo do açúcar e do etanol e com usinas na Paraíba (PB) e em Goiás (GO). O valor arrecadado no leilão foi em lance único, no dia 05 de maio de 2017 e deverá ser utilizado para pagamento de credores da Massa Falida da Laginha Agroindustrial e fornecedores de serviços,

além de instituições financeiras e tributos fiscais. A ordem seguirá os determinantes da Lei de Falências.

O leilão da Usina Triálcool encerrou na tarde do dia 07 de dezembro de 2017. A oferta no valor mínimo – R\$ 133,83 milhões – veio da Companhia Mineira de Açúcar e Álcool (CMAA). Avaliada em R\$ 223,04 milhões, a Triálcool está localizada em Canápolis (MG) e faz parte da massa falida da Laginha Agroindustrial, do empresário João Lyra<sup>7</sup>.

Segundo as informações disponibilizadas no site do leilão, a usina tem capacidade de moagem de 1,76 milhões de toneladas por safra e possui uma área de 6,05 mil hectares para canaviais. A venda em um valor 40% abaixo da avaliação foi possível porque não houve lances no leilão em primeira praça, encerrado em 30 de novembro. Dessa forma, o juiz responsável optou por oferecer o desconto e prorrogar o certame<sup>8</sup>.

Vale destacar que as agroindústrias supracitadas não devem mais se utilizar da mão de obra para o corte de cana manual. Assim, a adoção da colheita mecanizada se de um lado, trouxe alterações na gestão agrícola com a modificação da sistematização do canavial para adequar e proporcionar uma maior eficiência da colhedora; de outro, alterou a estrutura do emprego no campo, com a necessidade de mão de obra adequada para as novas operações advindas da ampliação em larga escala dessa tecnologia. Para os migrantes que

---

<sup>7</sup> E o acervo de bens do falido, quando arrecadados pelo síndico da falência. Destituída de personalidade jurídica, representa tão-somente um patrimônio especial, convindo sublinhar que o falido não perde a titularidade patrimonial sobre os bens integrantes da massa falida, perdendo apenas o poder de gestão que passa ao síndico sob a supervisão do juiz. Uma vez deflagrado o processo falencial e constituída a massa falida, cumpre notar que os créditos tributários gozam de preferência absoluta em relação a quaisquer outros, nos termos do quanto dispõe o art. 190 do CTN. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/91647/codigo-tributario-nacional-lei-5172-66#art-190> > acessado em 21 de mar de 2021.

<sup>8</sup> NovaCana.Com.Usina Triálcool recebe lance mínimo da CMAA poucos minutos antes do fim do leilão. Disponível: <https://www.novacana.com/n/industria/usinas/usina-trialcool-lance-minimo-minutos-fim-leilao-071217#:~:text=Usinas-,Usina%20Tri%C3%A1lcool%20recebe%20lance%20m%C3%ADnimo%20da%20CMAA,antes%20do%20fim%20do%20leil%C3%A3o&text=O%20leil%C3%A3o%20da%20Usina%20Tri%C3%A1lcool,antes%20do%20fim%20do%20prazo./>>, acessado em 21 de abr de 2021.

tinham como principal atividade de renda do corte da cana-de-açúcar, acarretou a perda de empregos, ainda que precários, resultando dessa forma na exclusão de milhares de trabalhadores do mercado de trabalho, com espessa dificuldade de inserção em novas atividades, principalmente pela pouca qualificação desses trabalhadores.

Deste modo, a modernização da colheita da cana-de-açúcar, aconteceu gradativamente, acatando as veemências dos empreendedores do setor e abolindo inúmeros postos de trabalho, que não puderam ser absorvidos nesta nova lógica de produção. Este procedimento constitui a valorização do capital, que de maneira gradativa, avança eliminando custos com funcionários, e aumentando o contingente de desempregados (CLEPS JÚNIOR, 2009).

Assim, a mecanização da colheita da cana-de-açúcar, por exemplo, libera o trabalhador de uma atividade difícil, ocasionando, porém, uma diminuição relativa na ocupação do emprego da mão de obra pouco qualificada. Deste modo, observa-se que mesmo diante das precárias situações encontradas nessa atividade, os trabalhadores experientes no corte da cana voltariam a trabalhar nesse setor conforme verificado em trabalho de campo realizado no município de Ituiutaba, quando questionados se voltariam a exercer a atividade do corte da cana, 60% deles responderam que sim.

Após seis anos de fechamento do Grupo João Lyra os ex-trabalhadores ainda não haviam recebido o acerto da empresa. Isso levou os trabalhadores na manhã do dia 07 de maio de 2018, a reivindicarem os pagamentos não efetivados do Grupo com o bloqueio da BR 365 próximos a Ituiutaba<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> G1. Manifestantes fecham trecho da BR-365 por cerca de 1h30 próximo a Ituiutaba. Disponível em <<https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/manifestantes-fecham-a-br-365-e-congestionamento-se-forma-proximo-a-ituiutaba.ghtml> > acessado em 20 de mar de 2021

**Foto 2** - Trabalhadores da falida Usina Triálcool bloqueiam os dois sentidos da BR-365, em protesto.



Fonte: Reprodução / TV Integração (2018).

Neste momento, após 13 anos do processo de falência das Usinas do Grupo João Lyra, os trabalhadores ainda estavam aguardando os desdobramentos judiciais para o recebimento das suas indenizações. Em junho de 2020, a Massa Falida da Usina Laginha, integrante do Grupo João Lyra, estavam para receber em precatório um crédito calculado em cerca de 690 milhões, valor este fruto de uma ação dos anos noventa em que realizaram a cobrança dos danos patrimoniais a União, devido aos valores abusivos praticados pelo Instituto de Açúcar e do Alcool (IAA), já instintos. Segundo a reportagem publicada na Gazeta em 10 de julho de 2020, o administrador da Massa Falida, José Luiz Lindoso, confirmou ao Jornal Extra de Alagoas, que o dinheiro, quando recebido, seria utilizado para o pagamento dos trabalhadores<sup>10</sup>. Em relação as unidades Triálcool e Vale do Paranaíba foram vendas e a maior parte dos direitos foram pagos aos ex-

---

<sup>10</sup> Gazeta web: Massa falida do grupo João Lyra deve receber R\$ 690 mi de precatório. Disponível:<  
<https://www.gazetaweb.com/noticias/geral/massa-falida-do-grupo-joao-lyra-deve-receber-r-690-mi-de-precatorio/>> acessado em 05 de abril 2021.

funcionários. Os empreendimentos, negociados via leilão no final de 2017 renderam ao processo de falência cerca de R\$ 340 milhões<sup>11</sup>.

Através do trabalho de campo realizado no município de Ituiutaba, percebemos que a principal insatisfação desses trabalhadores referiam-se ao processo de mecanização que vinha acontecendo gradualmente no setor canavieiro nos últimos anos, resultado do processo de reprodução ampliada do capital e da modernização do campo, que elimina milhares de empregos no campo substituindo os trabalhadores por colheitadeiras, como é o caso daqueles que desempenham a atividade do corte manual da cana-de-açúcar.

O **Quadro (1)** mostra a opinião desses trabalhadores em relação a essa nova conjuntura.

**Quadro 1:** Apoio dos trabalhadores a mecanização.

Apoio a Mecanização	Porcentagem
Não	92%
Sim	7%

**Fonte:** Trabalho de Campo (2018). Org: ARAÚJO, D. F. C. (2018).

A colheita mecanizada, resulta na exclusão de trabalhadores para a mecanização da colheita. Compreende-se que a estratégia de mecanizar a colheita da cana é uma forma das usinas driblar as condições precárias de trabalho no corte manual da cana. Contudo, é necessário, investigar quais são as implicações do atual corte mecanizado da cana-de-açúcar dos trabalhadores desse setor, pois as condições de trabalho no corte da cana são degradantes.

Scopinho (1999) expõe a existência de uma linha de produção dividida em diferentes funções e para assegurar o funcionamento contínuo da colheita é

---

<sup>11</sup>Precatório de R\$ 690 milhões deve finalizar dívidas trabalhistas do grupo João Lyra. Disponível em> <https://www.novacana.com/n/industria/financeiro/precatório-r-690-milhoes-finalizar-dividas-trabalhistas-grupo-joao-lyra-130720>> acessado em 05 de abril 2021.

imprescindível o funcionamento de cada uma das funções. Todavia, para garantir o trabalho continuado das máquinas na colheita da cana submete-se o trabalhador à lógica mecânica. Conseqüentemente, a utilização de tecnologia nas colheitas da cana-de-açúcar favorece as empresas o domínio do trabalho humano, o qual se torna uma extensão das máquinas (VERGÍNIO; ALMEIDA, 2013).

Assim, com o rápido desenvolvimento tecnológico, intensificou-se a ampliação do maquinário e resultou na diminuição dos postos de trabalho e no “enxugamento” das empresas, conseqüentemente, na obtenção de mais lucros por parte do empresariado. Nesse sentido, a teoria de David Harvey (2011) sobre o processo de acumulação flexível torna-se fundamental, pois a acumulação flexível como vai chamá-la, é caracterizada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo nascimento de setores de produção inteiramente novos, novos modos de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, especialmente, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnologia e organizacional (HARVEY, 2011).

O confronto direto com a rigidez do fordismo levou para dinâmica de flexibilização dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Assim, a acumulação flexível envolve rápidas transformações nos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, designando por exemplo, vasto movimento no emprego no chamado “setor de serviços” bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas (HARVEY, 2011).

Para os trabalhadores essas transformações expressaram um aumento do desemprego estrutural, a intensificação e precarização do trabalho, a diminuição dos salários e dos direitos trabalhistas, a indigência de tornarem-se polivalentes, entre outras implicações. Está configuração contemporânea do setor

sucroenergético brasileiro pautada no vigente modelo do agronegócio, que pode ser conceituado, de acordo com Santos (1994,1996), como uma agricultura científica e globalizada. Seus pressupostos assentam no paradigma contemporâneo produtivo na ciência, tecnologia e informação, (CASTILLO, 2007; FREDERICO, 2013), na financeirização da economia e nas políticas de viés neoliberal, emergentes no país principalmente a partir da década de 1990 (HARVEY, 2011). Portanto, o ritmo do trabalho, intensificado na colheita mecanizada é monitorado e determinado pelos gerentes de produção norteados pelo prisma da produtividade e subsidiados por uma infraestrutura tecnológica e científica (ARAÚJO, 2018).

Essa racionalização do processo de trabalho tem o objetivo de minimizar os custos e maximizar os lucros. Dentro do atual panorama de competitividade do setor sucroenergético e a sua mais recente crise, tais medidas emergem da dinâmica de dominação do mercado. Desse modo, a crescente tendência de mecanização do corte da cana em Ituiutaba nasce como medida sintonizada com a própria reestruturação produtiva, cuja premissa fundamental é uma organização “enxuta” do processo produtivo (máxima redução dos custos e maximização da produtividade seja do trabalho seja da indústria/matéria prima).

Na pesquisa de campo, procuramos investigar, a partir da aplicação do questionário, há quanto tempo os trabalhadores migrantes estavam trabalhando com a atividade canavieira manual: 68% trabalharam no corte de 1 a 5 anos; 20% deles de 6 a 10 anos; e somente 12% mais de 10 anos (Quadro 2). A procura por esse tipo de trabalho é principalmente, entre os mais jovens.

Podemos evidenciar como o quadro do processo de migração é recente na microrregião de Ituiutaba.

#### **Quadro 2:** Tempo de trabalho no corte manual da cana-de-açúcar

Tempo de trabalho	Porcentagem
-------------------	-------------

1 a 5 anos	68%
6 a 10 anos	20%
10 anos	12%

**Fonte:** Trabalho de Campo (2018). Org.: ARAÚJO, D. F. C., 2018.

Os trabalhadores por não deterem o controle dos meios de produção, sujeitam-se a ritmos e exigências que lhes são impostos pelo processo de produção capitalista. Conforme demonstra Santos (2009) o capitalismo, compreendido como categoria de interpretação histórica, estabelece um sistema em que a força de trabalho transforma-se em mercadoria, sendo comprada e vendida como qualquer objeto de troca. Esta condição é viabilizada pela concentração dos meios de produção nas mãos de uma classe – os capitalistas que produzem o seu capital, com a exploração de outra classe - a dos trabalhadores, que destituídos dos meios de produção, vendem sua força de trabalho, como fonte de subsistência.

Foi constatada também a baixa escolaridade dos trabalhadores, com 50% de analfabetos, 33% com o ensino fundamental completo e apenas 17% com o ensino médio completo (Quadro 4).

**Quadro 4:** Distribuição da escolaridade dos trabalhadores que cortavam cana na Microrregião de Ituiutaba (MG).

Nível de escolaridade	Porcentagem
Ensino Médio	17%
Ensino Fundamental	33%
Analfabetos	50%

**Fonte:** Trabalho de Campo (2018). Org.: ARAÚJO, D. F. C. , 2018.

Cabe lembrar que para eles o trabalho tem um significado fundamental, representa a dimensão concreta do seu existir na sociedade, a renda para sobrevivência da família, a casa própria e o acesso aos bens de consumo

(aparelhos de som, geladeira, televisão, celular e motos). É através da aquisição de renda e oportunidades de consumo que os trabalhadores de algum modo percebem seu acesso à cidadania, por meio da capacidade de compra, ou seja, é através da sua renda adquirida que conseguem o mínimo de dignidade e respeito. Demonstram uma atitude fatalista diante do trabalho e não acreditam na possibilidade de ascensão profissional. Com a perda do posto de trabalho na cana, verificou-se na pesquisa empírica que a grande maioria das atividades ocupacionais exercidas pelos trabalhadores entrevistados na cidade de Ituiutaba, são as de baixa qualificação. De fato, não existem muitas opções, além dos cargos de operador de máquinas e equipamentos agrícolas, montagem das máquinas da indústria, motorista, soldador, tratorista de frigoríficos e na construção civil.

Após o fim do corte manual da cana-de-açúcar na região, os trabalhadores se viram com poucas oportunidades de atuação devido à falta de escolarização, desta forma, identificamos que 36%, passou a trabalhar como servente de pedreiro entre outros tipos de trabalho de exigências em esforço físico, sem carteira de trabalho assinada como serviços gerais e auxiliar agrícola. Os trabalhadores recebiam por dia de trabalho e, na maior parte das vezes, tratava-se de ocupações esporádicas, ficando sempre a incerteza se no final do mês teriam a quantia necessária para pagar as contas básicas em dia. Além disso, outro fator importante foi a faixa etária desses trabalhadores, conforme Quadro (5):

**Quadro 5:** Faixa Etária Dos Trabalhadores.

Faixa etária	Porcentagem
Até 20 anos	5%
21 a 25 anos	10%
26 a 30 anos	20%
31 a 35 anos	27%
36 a 40 anos	5%

Superior a 45 anos	3%
--------------------	----

**Fonte:** Trabalho de Campo (2018). Org.: ARAÚJO, D. F. C., 2018.

Às vezes, para complementar a renda mensal os trabalhadores faziam jornadas aos fins de semana. Foram identificados que os trabalhadores de carteira assinada estavam entre aqueles que exerciam funções como motorista e comerciante, somando um total de 20%. E relataram 12% no momento da pesquisa que estavam desempregados, dependentes inclusive de cestas básicas fornecidas pelo Sindicato ou outras instituições.

**Quadro 6:** Emprego dos trabalhadores que cortavam cana na Microrregião de Ituiutaba (MG).

Emprego	Porcentagem
Servente de pedreiro	36%
Motorista	16%
Jardineiro	12%
Serviços Gerais	12%
Auxiliar Agrícola	8%
Comércio	4%
Desempregado	12%

**Fonte:** Trabalho de Campo (2018). Org.: ARAÚJO, D. F. C., 2018.

Percebe-se a partir da paralisação das atividades das agroindústrias supracitadas, os trabalhadores do corte da cana-de-açúcar sentiram grande dificuldade em inserir-se no mercado de trabalho, restando como alternativa, serviços no mercado informal e/ou de pouca qualificação, ou seja, o fechamento das agroindústrias afetou diretamente centenas de trabalhadores, assim como o município de um modo geral. Em relação aos salários, 52% afirmaram ter rendimentos entre 2 e 3 salários, inferior ao que recebiam na atividade do corte da cana, e 36%, até 5 salários (Quadro 7).

**Quadro 7:** Rendimento atual mensal dos trabalhadores que cortavam cana na Microrregião de Ituiutaba (MG).

Rendimento Mensal dos trabalhadores	Porcentagem
Dois Salários	4%
Três Salários	52%
Cinco Salários	36%
Não souberam responder	8%

**Fonte:** Trabalho de Campo (2018). Org.: ARAÚJO, D. F. C., 2018.

Quando questionados se votariam a trabalhar no corte da cana, 64% responderam positivamente, apesar de terem consciência das condições submetidas nesse tipo de atividade; 32% disseram não, em função do desgaste físico e da idade. Uma das principais reclamações dos trabalhadores foi em relação ao salário recebido no período. No corte da cana seus rendimentos eram superiores a R\$ 3.000,00 (três mil reais), uma das razões motivadoras a voltar para esta atividade. Convém destacar o salário do trabalhador no canavial está atrelado à quantidade de cana cortada por dia, ao constituir uma forma perversa de remuneração, pois é à força de trabalho - a produtividade - a garantia de seu ganho. Para Thomaz Junior (2002) os sistemas de remuneração no corte de cana (como as formas de medição, classificação e pagamento) são armas imprescindíveis, disponibilizadas pelo capital, que garantem a um só tempo a manutenção da extração do sobretrabalho, e ainda o controle do processo de trabalho e da superexploração do trabalho, que aborda às fronteiras da semi-escravidão. O próprio trabalhador percebe as condições perversas de seu trabalho, mas, em virtude das necessidades de sobrevivência, se submete a tais condições.

Scopinho et.al (1999) ponderam que a mecanização do corte da cana concebe um enorme passo na direção da subordinação real da agricultura à

indústria sucroenergética, inclusive podendo a primeira adotar o ritmo intenso e quase ininterrupto de funcionamento da segunda, ou seja, 24 horas por dia durante a safra. Para os capitalistas, a intensificação do ritmo de trabalho na lavoura canavieira constitui um acréscimo na produtividade do trabalho com progresso na qualidade da matéria-prima, redução de custos de produção e máxima agilidade na amortização do capital investido em inovações tecnológicas. Logo, para os trabalhadores rurais, a intensificação do ritmo de trabalho pode constituir a deterioração da saúde e da segurança no trabalho.

De acordo com Martins (2002) as consequências do desenvolvimento econômico e tecnológico são adversas para os trabalhadores, pois, o modelo de desenvolvimento econômico que se firmou no mundo contemporâneo leva respectivamente a extremos de progressos tecnológicos e de bem-estar para setores limitados da sociedade e a extremos de privação, pobreza, e marginalização social para setores da população.

Sobre a mecanização da colheita da cana e a conseqüente dispensa dos trabalhadores, Alves (2010), considera que no aspecto da sustentabilidade, o corte manual de cana deve ser eliminado. Contudo, deve haver políticas compensatórias que realoquem esses trabalhadores ao mercado de trabalho. Giovanni Alves e José de Souza Martins defendem a criação e a efetivação de políticas públicas de caráter compensatório, que impõem condições à expansão da agricultura canavieira e à mecanização do corte da cana. Esclarecendo melhor sua proposta, Alves (2010) assegura que são políticas públicas organizadas e sob responsabilidade de execução e fiscalização do conjunto da sociedade e não apenas do Estado. O desígnio dessas políticas é indenizar a perda de postos de trabalho e, ao mesmo tempo, aperfeiçoar as condições de vida e trabalho dos trabalhadores remanescentes e as condições ambientais.

Diante do desenvolvimento econômico, podemos propor alternativa também as políticas sociais compensatórias, sem dúvida necessárias para atenuar

os efeitos danosos do modelo econômico. Com o corte mecanizado, cerca de cem trabalhadores antes empregados no corte manual são substituídos por uma máquina que requer apenas um trabalhador para operá-la. Deste operador de máquina é exigido um grau maior de escolarização. Contudo, em função da elevada taxa de desemprego, da baixa escolarização e a existência de um exército de reserva, acabam reduzidas a chance de inserção dos trabalhadores com baixo nível de escolaridade tanto no próprio local de trabalho como fora dele.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estado brasileiro, em suas distintas escalas de desempenho, tende a atuar na criação de políticas endereçadas as empresas e ao seu crescimento na produção, deixando de lado as contradições territoriais deste processo. De um lado, a inclusão do cerrado nas políticas do Estado oferece aos países ditos “desenvolvidos” matéria-prima agrícola e mineral. De outro, as contradições desse desenvolvimento causam impactos ambientais e sociais como, por exemplo, poluição, contaminação da água, desmatamento, além dos impactos sociais: concentração da propriedade privada da terra, precarização do trabalho e deslocamentos populacionais.

Entendemos que a solidificação da economia do agronegócio canavieiro no Brasil se consolida às custas de um processo de exploração da terra e do trabalho no mais cruel e arcaico modelo de desenvolvimento. Deste modo, o modelo de desenvolvimento, a destruição dos biomas e a precarização do trabalho, foram condições para o modelo de exploração no território brasileiro.

A economia do município, até o final do século XX, era basicamente voltada à agricultura e pecuária, porém com a implantação da unidade do grupo João Lyra, Laginha S/A- unidade Triálcool que operava no município de Canápolis, aconteceu a expansão da cana-de-açúcar de maneira significativa a partir deste período e culturas que eram frequentemente cultivadas nessa região passaram a ceder

lugar para essa monocultura, promovendo a diminuição das culturas de algodão, arroz, mandioca, feijão e até mesmo milho.

O processo de falência do grupo João Lyra, desencadeando o fechamento das agroindústrias canavieiras Vale e Triálcool na microrregião de Ituiutaba. As duas empresas já apresentavam dificuldades financeiras, uma vez que o grupo João Lyra havia dado sinais de falência ao deixar de pagar os funcionários por mais de três meses.

As implicações decorrentes deste processo de desenvolvimento do setor sucroenergético na Microrregião Geográfica de Ituiutaba não tem relevância para o poder público, pois o mesmo não tem se comprometido em compensar os resultados dos impactos sociais e ambientais. Observa-se o impacto na valorização e concentração fundiária, substituição de culturas e práticas decorridas da agricultura familiar e degradação das condições de trabalho. Dos inúmeros problemas ambientais do setor sucroenergético, identificamos a degradação dos solos, contaminação dos lençóis freáticos, desmatamento, queimadas e poluição. Todo esse impacto em nome do desenvolvimento econômico do agronegócio.

Diante do contexto analisado, desde que a sociedade, os usineiros e governantes trabalhem no sentido de promover políticas públicas que abranjam parte significativa dos trabalhadores que ficarão desempregados. Caso contrário, a mecanização agravaria os problemas sociais que envolvem os cortadores de cana, assim como os problemas das cidades dormitórias pelo desemprego gerado.

Concluimos que, o desenvolvimento das forças produtivas no campo deve ser igual ao ritmo da adoção das políticas públicas compensatórias. Enquanto as políticas públicas não se concretizarem em ações, sejam implementadas, prontamente, novas relações de trabalho, que apresentem uma concepção

imprescindível: a adoção do controle da produção pelos trabalhadores e o fim do pagamento por produção.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, F. **Políticas públicas compensatórias para a mecanização do corte de cana crua: indo direto ao ponto.** *RURIS - Revista do Centro de Estudos Rurais - UNICAMP*, v. 3, n. 1, p. 153-178, 2010.

ARAÚJO, D. F. C. ARAÚJO SOBRINHO, F. L. **A cultura agrícola da cana-de-açúcar no Brasil: contribuição ao estudo dos territórios rurais e suas contradições e conflitos.** *Geopauta, [S.l.]*, v. 4, n. 1, p. 162-183, abr. 2021.

<https://doi.org/10.22481/rg.v4i1.6303>.

ARAÚJO, D. F. C.; ARAÚJO SOBRINHO, F. L. **A dinâmica do setor sucroenergético no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.** *Revista Cerrados, [S. l.]*, v. 18, n. 01, p. 248-277, 2020. DOI: 10.46551/rc24482692202001. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/cerrados/article/view/2527>. Acesso em: 6 dez. 2021.

ARAÚJO, D. F. C. **O lado amargo da cana: estudos sobre trabalhadores migrantes no setor sucroenergético no pontal do triângulo mineiro.** 2018. Dissertação (Mestrado) – Curso de Programa de Pós-graduação em Ciências Súcias, Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

BERNARDES, J. A. **Metamorfoses no Setor Sucroenergético: emergência de contradições.** In: BERNARDES, J. A.; SILVA, C. A. da; ARRUIZZO, R. C. (Org.). *Espaço e energia: mudanças no setor sucroenergético.* Rio de Janeiro: Lamparina, 2013.

BAZOTTI, A; BUCCO COELHO, L. **Produção de Commodities pela Agricultura Familiar: insegurança alimentar e novos desafios ao PRONAF.** *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, Vol. 38, Nº. 133, págs. 113-129, 2017.

CASTILLO, R. **Agronegócio e Logística em Áreas de Cerrado: expressão da agricultura científica globalizada.** *Revista da Anpege, [S.l.]*, v. 3, p. 33-43, 2007.

CLEPS JUNIOR, J. **Concentração de poder no agronegócio e (des)territorialização: os impactos da expansão recente do capital sucroalcooleiro no Triângulo Mineiro.** *Caminhos de Geografia, Uberlândia*, v. 10, n. 31, p. 249-264, 2009.

**DIEESE- Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos.** Desempenho do setor sucroalcooleiro brasileiro e os trabalhadores. Ano 3 - nº 30, p. 01-34. 2007.

FAO FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. **Food Outlook: biannual report on global food markets.** Rome/ Italy, FAO, 2019.

FREDERICO, S. **Agricultura científica globalizada e fronteira agrícola moderna no Brasil.** Revista Confins, Paris, vol. 17, p. 1-17, 2013.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Geografia da riqueza, fome e meio ambiente: pequena contribuição crítica ao atual modelo agrário/agrícola de uso dos recursos naturais.** In: OLIVEIRA, Ariovaldo U. de; MARQUES, Marta Inês Medeiros (Org.). O campo no século XXI: território de vida, de luta e de construção da justiça social. São Paulo: Casa amarela; Paz e Terra, 2004. p.27-64.

G1. Crise na indústria sucroalcooleira gera impactos no Triângulo Mineiro. Disponível em < <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2015/07/crise-na-industria-sucroalcooleira-gera-impactos-no-triangulo-mineiro.html> > Acesso em 05 de abril .2021.

G1. Manifestantes fecham trecho da BR-365 por cerca de 1h30 próximo a Ituiutaba. Disponível em<<https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/manifestantes-fecham-a-br-365-e-congestionamento-se-forma-proximo-a-ituiutaba.ghhtml> > acessado em 20 de abril de 2021.

Gazeta de Alagoas. MG quer celeridade em julgamento. Disponível em < <http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=290587> >. Acesso em 05 abril de 2021.

Gazeta web: Massa falida do grupo João Lyra deve receber R\$ 690 mi de precatório. Disponível:< <https://www.gazetaweb.com/noticias/geral/massa-falida-do-grupo-joao-lyra-deve-receber-r-690-mi-de-precatorio/>> acessado em 05 de abril 2021

GUIMARÃES, S. P. **Capital nacional e capital estrangeiro.** Estudos Avançados. São Paulo. Vol. 14, nº39, p. 143-160,2000.

<https://doi.org/10.1590/S0103-40142000000200011>

HARVEY, D. O Neoliberalismo: história e implicações. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

IBGE-INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Produção Agrícola municipal (PAM), 2018. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/ipca/brasil>> Acesso em: 2021.

IBGE. Contagem da população: Ituiutaba - MG, 2014. Disponível em: <[www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm](http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm)>. Acesso em: 08 abr. 2021.

IBGE. **Censo Agropecuário Brasileiro**. Rio de Janeiro, Publicações IBGE, 2017. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/21814-2017-censo-agropecuario.html?=&t=downloads> acesso em 16 de fevereiro de 2020.

MARTINS, J. S. **A Sociedade Vista do Abismo**. Novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. São Paulo: Vozes, 2002.

MENDONÇA, M. L. **Monopólio da terra no Brasil**: Impactos da expansão de monocultivos para a produção de agrocombustíveis. Rede Social de Justiça e Direitos Humanos e CPT. Brasília. p. 1-44, 2010.

MENDONÇA, M. R. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no cerrado do Sudeste goiano**. 2004. 448 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, 2004.

NovaCana.Com.Usina Triálcool recebe lance mínimo da CMAA poucos minutos antes do fim do leilão. Disponível: <https://www.novacana.com/n/industria/usinas/usina-trialcool-lance-minimo-minutos-fim-leilao-071217#:~:text=Usinas-,Usina%20Tri%C3%A1lcool%20recebe%20lance%20m%C3%ADnimo%20da%20CMAA,antes%20do%20fim%20do%20leil%C3%A3o&text=O%20leil%C3%A3o%20da%20Usina%20Tri%C3%A1lcool,antes%20do%20fim%20do%20prazo./>> acessado em 21 de abril de 2021.

SANTOS, H. F. **Competitividade regional do setor sucroenergético na mesorregião Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba**: agricultura científica globalizada e implicações socioambientais no município de Uberaba – MG. 2017. 281f. Dissertação (Mestrado em Geografia), IG/ÚNICAMP, Campinas, 2017.

SANTOS, J. C. **Dos canaviais à Etanolatria**: o (re)ordenamento territorial do capital e do trabalho no setor sucroalcooleiro da microrregião geográfica de Presidente Prudente-SP. 2009. 377 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização** – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço e Tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

SCOPINHO, R. A et al. **Novas tecnologias e saúde do trabalhador**: a mecanização do corte da cana-de-açúcar. Cadernos de saúde pública. v. 1, n. 15, jan. - mar. 1999.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X1999000100015>.

SILVA, M. A. M. **Trabalho e trabalhadores na região do “mar de cana e do rio de Álcool”**. Agrária, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 2-39, 2005. Disponível em: <<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/cerest/publicacoes/mar-cana.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2021.

SCOPINHO, R. A. **Qualidade total, saúde e trabalho**: uma análise em empresas sucroalcooleiras paulistas. Revista de Administração Contemporânea, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 93-112, 2000

THOMAZ JÚNIOR, A. **Por Trás dos Canaviais, os Nós da Cana**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002.

VERGÍNIO, C. J.; ALMEIDA, L. M. de M. C. **Exploração do trabalho na colheita mecanizada da cana-de-açúcar**: estudo de caso de uma usina localizada no município de Ouroeste, estado de São Paulo. Informações Econômicas, São Paulo, SP, v. 43, n. 5, p. 5-18, set./out. 2013. Biblioteca(s): Epagri-Sede.

Submetido em: 07 de abril de 2021.

Aprovado em: 03 de dezembro de 2021.

Publicado em: 23 de dezembro de 2021.

